

BEM-VINDO AO MIRADOURO DO CABEÇO DE MONTACHIQUE

INFORMAÇÃO AOS VISITANTES

Esta é uma zona natural, extremamente rica do ponto de vista da sua biodiversidade única e rara, assim como da sua geodiversidade. Respeite, proteja e conserve o património natural cumprindo as seguintes normas:

- Não colha ou danifique qualquer material vegetal existente. Gostou de uma planta? Fotografe-a com o seu telefone e tenha-a sempre consigo, mas deixe o exemplar intacto no seu habitat.

- Não interfira com os animais que encontre e que tenham aqui o seu habitat natural. Evite fazer demasiado ruído, nem perturbe as aves. Não mate insectos, como escaravelhos, abelhas, borboletas, vespas, entre outros, pois estes cumprem importantes funções de base nos ecossistemas, como a polinização das plantas que nos fornecem alimentos e medicamentos. Este é o seu habitat. Respeite-o.

- Não lance resíduos para o chão, designadamente, restos de comida, papéis, latas, garrafas e outros resíduos similares. Os visitantes devem respeitar e zelar pela manutenção, higiene e limpeza deste espaço natural, utilizando para o efeito os equipamentos existentes para a deposição de resíduos.

- Este espaço é seu e de todos os animais e plantas que aqui encontram o seu habitat para viver, abrigar-se, alimentar-se, reproduzir-se, cumprindo assim o seu ciclo de vida. Ajude-nos a preservá-lo minorando o impacto da sua presença e deixando-o tal como o encontrou.

- Se fotografou uma planta ou animal neste local, partilhe o seu registo na plataforma BioDiversity4All (www.biodiversity4all.org). Envolve-se neste projecto de ciência cidadã e faça parte dos cidadãos que contribuem para monitorizar todas as espécies que aqui ocorrem. Nesta plataforma poderá também obter a identificação do que fotografou com o apoio de investigadores do mundo inteiro.

O CABEÇO DE MONTACHIQUE



O Cabeço de Montachique é o ponto mais alto do concelho de Loures com uma altitude de 409 metros, constituindo, do ponto de vista da sua geodiversidade, uma chaminé vulcânica pertencente ao Complexo Vulcânico de Lisboa (CVL). Instalado há cerca de 70 a 90 milhões de anos, período em que se deu a abertura do Atlântico Norte, a instalação do CVL foi responsável pelo manto basáltico que cobriu a região e cuja alteração deu origem aos solos férteis que alimentaram feiras e mercados hortícolas de Lisboa. Aqui no topo, é possível observar uma estrutura geológica pouco comum, constituída por prismas basálticos (disjunção prismática característica), resultante da formação de fracturas, aquando do arrefecimento da lava no interior da chaminé. Os prismas aqui presentes apresentam formas muito variadas, sendo a pentagonal a mais observada, apresentando um diâmetro médio de 30cm. Esta geoforma confere um importante valor científico, pedagógico e paisagístico a este local.

PELOS ARES DE MONTACHIQUE

Algumas espécies de borboletas possuem um comportamento denominado "hill topping", que pode ser observado aqui no topo do Cabeço de Montachique. Este comportamento consiste na deslocação dos indivíduos, normalmente machos, para os locais mais altos dos seus habitats, onde esperam que as fêmeas receptivas voem para se reproduzirem. É uma estratégia de sobrevivência, usada para aumentar as hipóteses de encontrar parceiro, uma vez que todos vão para o topo. Em alguns casos, os machos tornam-se territoriais, desafiando e afugentando outros machos através do voo. A conservação destes locais é muito importante, pois pequenas alterações podem levar as borboletas a abandonar o local. A perda de habitats no topo pode levar a que algumas espécies de borboletas possam desaparecer completamente de uma região. Este comportamento está bem patente em espécies como *Papilio machaon* (Papilionidae), *Euchloe crameri* (Pieridae) e *Charaxes jasius* (Nymphalidae), respectivamente da esquerda para a direita nas imagens, e configura uma importante estratégia de sobrevivência.



Papilio machaon ou borboleta-cauda-de-andorinha, é uma borboleta comum dispersa por todo o território de Portugal. Voa de Fevereiro a Dezembro.



Euchloe crameri ou borboleta esverdeada-dos-nabais, é uma borboleta comum dispersa por todo o território de Portugal. Voa de Março a Julho.



Charaxes jasius, ou borboleta do medronheiro, é uma borboleta comum dispersa por todo o território de Portugal. Voa de Março a Julho.

POLINIZADORES DO CABEÇO DE MONTACHIQUE



Chrysotoxum sp. é uma mosca que pertence à família Syrphidae, também conhecida como mosca-das-flores. Os sirfídeos, exibem um mimetismo batesiano, imitando as riscas pretas e amarelas das abelhas e vespas para afastar predadores.



Bombus terrestris, conhecido como abelhão ou zangão, é uma espécie social que vive em colónias de 20 a centenas de indivíduos, com castas diferenciadas (rainha, machos e obreiras). Menos agressivo que as vespas e abelhas, é dos polinizadores mais eficazes.



Lasioglossum interruptum, estas pequenas abelhas negras, não produzem mel, mas são importantes polinizadores de culturas e plantas silvestres. São abelhas solitárias que constroem o seu ninho no solo.

Os polinizadores são fundamentais para a reprodução das plantas, pois são responsáveis pelo transporte de pólen entre flores, possibilitando a frutificação e a formação de sementes. A grande maioria das plantas com flor, dependem dos insectos para se reproduzirem, e delas depende algo tão importante como a nossa alimentação ou os nossos medicamentos. Muitos insectos asseguram-nos também a mobilização de nutrientes e o controle de algumas pragas.

Em todo o mundo, os insectos polinizadores estão a diminuir em abundância e diversidade, porque os seus habitats estão a desaparecer devido à alteração do uso dos solos, à agricultura intensiva e às alterações climáticas. As abelhas e borboletas são os polinizadores mais comuns, no entanto, outros tipos de insectos estão envolvidos na polinização, como escaravelhos, moscas, vespas, traças, etc.

AS MAIS BONITAS

Hyacinthoides hispanica (Mill.) Rothm.



Nome comum: Jacinto-dos-campos
Família: Asparagaceae

Apresenta flores campanuladas (em forma de sino), tornando-se mais ou menos afuniladas, de cor azul-violáceas a lilacíneas, muito raramente brancas, dispostas em cacho, com os segmentos externos das tépalas recurvados para fora. Anteras geralmente azuis.

Pode ocupar diversos tipos de substratos, frequentemente em locais sombrios e margens de linhas de água, ocorrendo a sua floração entre Fevereiro e Maio.

Linaria amethystea subsp. *multipunctata* (Brot.) Chater & D.A.Webb



Nome comum: Não tem
Família: Plantaginaceae

Esta planta representa um endemismo restrito do território continental de Portugal, com poucos locais de ocorrência identificados.

Inconfundível com o seu tom amarelo vivo com pintas roxas e o seu longo esporão roxo, ligeiramente encurvado.

Nas poucas localizações conhecidas, pode ser encontrada em prados anuais, pousios em olivais e pomares, campos agrícolas cultivados ou incultos. É um desafio encontrá-la por ser minúscula, iniciando a sua floração neste local entre Fevereiro e Março.

EM PERIGO

Armeria pseudoarmeria (Murray) Mansf.



Nome comum: Cravo-romano
Família: Plumbaginaceae

Planta endémica de Portugal continental que apresenta uma distribuição muito restrita, com apenas 10 localizações conhecidas e limitadas à região da Estremadura. É muito importante que todos zelem pela preservação da comunidade aqui existente.

Está avaliada como Vulnerável pela UICN (União Internacional para a Conservação da Natureza), encontrando-se protegida pelos anexos II e IV da Directiva Habitats e pelo anexo I da Convenção de Berna.

Esta planta ocupa habitats com substrato granítico ou basáltico, ocorrendo a sua floração entre Março e Junho.

Tomares ballus



Nome comum: Verdinha-da-primavera
Família: Lycaenidae

Especie mediterrânica que se encontra, a nível europeu, limitada apenas a três países, Portugal, Espanha e sudoeste de França, estando em declínio em todos. Em Portugal encontra-se dispersa, mas com populações em áreas muito localizadas.

O adulto pode ser observado de Fevereiro a Abril, voando nervosamente em zonas cobertas de ervas silvestres.